

POLIFONIA	CUIABÁ	EdUFMT	V. 12	N. 2	p. 91-105	2006	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	------	-----------	------	----------------

## **“VIOLA QUEBRADA”: LINGUAGEM E ESTILO CARACTERÍSTICOS DO FALAR CAIPIRA**

**Joyce Elaine de Almeida\***

**RESUMO:** Este artigo pretende analisar uma canção composta por Mário de Andrade intitulada “Viola quebrada”, buscando apresentar o trabalho de linguagem do autor para dar à canção o tom poético e a simplicidade peculiar à vida no campo. Para a realização desta pesquisa, buscou-se alicerces nos pressupostos teóricos da Sociolingüística e da Lingüística Histórica a fim de analisar os dados presentes. Desta forma, primeiramente são abordados os conceitos de língua, língua portuguesa e norma brasileira. Posteriormente aborda-se o conceito de variação lingüística e finalmente analisa-se a composição de Mário de Andrade. Identificam-se, na canção, recursos lingüísticos, como figuras de linguagem e variações lingüísticas, que fazem do texto um registro do camponês.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação Lingüística. Música de Raiz. Falar Rural.

### “VIOLA QUEBRADA”: LANGUAGE AND STYLE TYPICAL OF RURAL DIALECT

**ABSTRACT:** This article analyzes a song composed by Mário de Andrade untitled “Viola quebrada” in order to present the language craft of the author to give to the song a poetic shade and

---

\* Joyce Elaine de Almeida é professora do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina. Atua na área de Linguagem e Educação na linha Ensino/Aprendizagem de Língua Portuguesa, no programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem.

the peculiar simplicity to country life. The research was based upon the theoretical presuppositions from Sociolinguistics and Historic Linguistics to analyze the data. At first the conceptions of language, Portuguese language and Brazilian norm are commented. Later the conception of linguistic variation is studied and finally the Mario de Andrade's composition is analyzed. Linguistic resources such as figures of speech and linguistic variations which turn the text into a record of rural life are identified.

**KEY WORDS:** Linguistic Variation. Country Song. Rural Dialect.

Pretende-se, neste texto, apresentar a análise de uma canção composta por Mário de Andrade, Viola quebrada, que retrata a vida e a linguagem de um homem do campo, caracterizado por seu modo peculiar de falar e pela visão de mundo específica. Na canção identifica-se o tom poético do autor, registrado a partir de um estilo de linguagem diferenciado reunindo figuras de linguagem à variação lingüística, responsável pela caracterização do falar caipira. Com isto, a vida do homem do campo é apresentada pela beleza da poesia e pela simplicidade retratadas na linguagem. Portanto, a partir dos pressupostos teóricos da Sociolingüística e da Lingüística Histórica, analisou-se a letra da música, a fim de ressaltar o trabalho de linguagem presente na canção.

### **1. Língua, língua portuguesa e sua peculiaridade no Brasil**

O conceito de língua pode ser abordado sob várias perspectivas, devido ao fato de ser objeto de diversas disciplinas, como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia e a Lingüística, entre outras.

Limitando-se à perspectiva lingüística, o objeto língua também pode ser concebido sob diferentes óticas. Hjemslev (1943, p. 84) afirma que a língua pode ser considerada como:

- a) uma forma pura, definida independentemente de sua realização social e de sua manifestação material;
- b) uma forma material, definida por uma dada realização social, mas ainda independente do detalhe da manifestação;
- c) um simples conjunto de hábitos adotados numa dada sociedade e definidos pelas manifestações observadas.

Tais definições correspondem respectivamente aos conceitos de esquema, norma e uso.

Tratando do mesmo assunto, Coseriu (1980, p. 123) diferencia norma de sistema. Segundo o pesquisador,

a norma abrange fatos lingüísticos efetivamente realizados e existentes na tradição, ao passo que o sistema é uma técnica aberta que abrange virtualmente também os fatos ainda não realizados, mas possíveis de acordo com as mesmas oposições distintivas e as regras de combinação que governam o seu uso.

Cabe ressaltar que essas distinções expostas por Hjelmslev (1943) e por Coseriu (1980) são formas de rever a dicotomia saussureana *langue/parole*, e, desta forma, o sistema corresponderia à *langue* enquanto que o *uso* corresponderia à *parole*. O que há de inovador nesta abordagem é a idéia de *norma*, que necessariamente depende do *uso*.

Vale apontar a noção de *norma* aqui adotada, que é a resultante do uso das formas lingüísticas por grupos sociais distintos, o que resulta em diferentes normas, pois, como afirma Faraco (2002, p. 38):

[...] numa sociedade diversificada e estratificada como a brasileira, haverá inúmeras normas, como, por exemplo, a norma característica das comunidades rurais tradicionais, aquela de comunidades rurais de determinada ascendência étnica, a norma característica de grupos juvenis urbanos, a(s) norma(s) característica(s) de populações das periferias urbanas, a norma informal da classe média urbana e assim por diante.

Percebe-se, então, a existência de várias normas no Brasil, que caminham ao lado da norma culta, numa relação de conflito com esta, a qual diz respeito à

norma lingüística praticada em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social. (FARACO, 2002, p. 40)

Existe também a norma padrão, que resultou de um processo unificador, objetivando, segundo Faraco (2002, p. 40), “uma relativa estabilização lingüística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança.”

Entre as várias normas existentes no Brasil, a que mais se aproxima da padrão é a norma culta, privilegiada socialmente devido a razões não estritamente lingüísticas, mas principalmente socio-históricas. Já as normas que mais se distanciam da padrão são desprezadas e desvalorizadas socialmente. Assim, não se trata de um fenômeno puramente lingüístico e nem poderia ser, dado que a língua é um fenômeno social, portanto o desprezo e a desvalorização se ampliam para o âmbito social. Desta forma, a norma padrão tornou-se um emblema do lugar social que as pessoas ocupam, pois foram associados a ela valores de natureza social.

Como tal norma é uma das que constituem a língua portuguesa, faz-se necessário lembrar que a língua falada no Brasil é a portuguesa. Tal afirmação parece ser exageradamente óbvia, entretanto poderia ser diferente, visto que o país, anteriormente à ocupação européia, era habitado, em sua maioria, por povos indígenas. No início da colonização portuguesa, no Brasil havia mais de 1800 línguas. Hoje esse número não passa de 200. Vitral (2001) procura explicar os motivos pelos quais o uso da língua portuguesa superou o uso da língua geral. Segundo o autor, as razões se encontram no chamado “processo civilizatório”, ocorrido no século XVIII, quando os hábitos e costumes da cultura francesa foram incorporados como marcas de civilidade. Dessa forma, afirma o pesquisador:

O prestígio da cultura francesa em Portugal permitiu a influência, em território luso, dos novos padrões civilizados, que, como marcas de distinção de classe, encontraram condições favoráveis de propagação devido à estrutura do estado português, controlado por um reduzido grupo vinculado à monarquia. (VITRAL, 2001, p. 307)

Assim, a língua portuguesa também adquiriu atributo de civilidade, o que contribuiu para sua superioridade diante das outras.

Cabe ressaltar a existência de mais de uma variedade de língua portuguesa: a de Portugal e a falada no Brasil, além das que são faladas em outros países. Mattos e Silva (1992, p. 76) denomina a variedade de língua portuguesa falada no Brasil de português brasileiro, devido à diversidade existente nessa língua, que recebeu contribuições variadas de línguas indígenas, africanas e outras línguas (européias, asiáticas), tornando-se, assim, diferente em relação à européia. Além disso, é importante lembrar que a língua sofre uma deriva natural e que processos da própria língua portuguesa, trazidos pelos colonizadores, tiveram um desenvolvimento próprio no Brasil.

Face às divergências quanto à constituição de uma única variedade de língua no Brasil, impôs-se uma norma lingüística explicitada e coercitiva com o objetivo de atingir uma homogeneização da língua. Apesar de tal imposição, Mattos e Silva (1992) aponta a formação de uma língua nacional, mas de um português brasileiro:

É certamente no entrecruzar-se de variantes localizadas, com maior ou menor interferência de marcas indígenas e/ou africanas, e de variantes mais gerais, menos ou mais africanizadas ou aportuguesadas, que se definem e emergem os traços característicos do português brasileiro língua nacional. (MATTOS e SILVA, 1992, p. 80)

A partir dessas observações e levando-se em consideração as diferentes manifestações lingüísticas do português no Brasil, pode-se, pois, identificar variedades da

língua portuguesa utilizada no Brasil. Tal fato constitui a variação lingüística.

## 2. Variação Lingüística

A linguagem é, por natureza, um objeto sujeito a alterações, por ser uma parte constitutiva do ser humano. Ora, se o homem está sempre mudando sua aparência, suas idéias, seus valores, é perfeitamente normal haver variações e mudanças lingüísticas. O que implica dizer que todas as línguas variam, isto é, não existe nenhuma comunidade de falantes cujos membros falem da mesma forma. Segundo Labov (1972), a variação lingüística é natural, é essencial à linguagem humana, desta forma o que exigiria explicação seria a ausência da variação na linguagem e não a sua presença.

Meillet já apontava, em 1906, o fato social como motivação fundamental para ocorrerem alterações lingüísticas: “Por ser a língua um fato social resulta que a lingüística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação lingüística é a mudança social” (MEILLET *apud* CALVET, 2002, p. 16).

Na mesma linha de pensamento, Coseriu (1980) afirma que a diversidade lingüística pode ocorrer devido a diversos fatores e propõe uma classificação para as diferentes formas de variação: *diacrônica*, *diatópica*, *diatrática* e *diafásica*. Segundo o autor, quando há alterações lingüísticas resultantes da passagem do tempo, elas se denominam *diacrônicas*. Como exemplo para este tipo de variação há o pronome você, enquanto resultado das mudanças na expressão Vossa Mercê.

As variações resultantes das características regionais, ou *diatópicas*, são representadas pelos distintos sotaques, evidenciados, por exemplo, pela diferente pronúncia do r em regiões paulistas, sulistas – principalmente as de colonização italiana - e regiões nordestinas. Além dessas, as variações diatópicas também se evidenciam em outros níveis, como o lexical, por exemplo, com os variados nomes existentes para um

mesmo objeto; ou o morfossintático, como a distribuição regional do emprego do pronome “tu/você”.

Há também as alterações na linguagem resultantes dos diferentes estratos sócio-culturais, denominadas *diastráticas* e que podem ser comprovadas com estudos comparativos entre falantes alfabetizados e analfabetos, por exemplo.

Finalmente existem as variações *diafásicas*, que, segundo o estudioso, são as distinções entre os diversos tipos de modalidade expressiva. Para o autor, “as variedades lingüísticas que caracterizam – no mesmo estrato social – os grupos ‘biológicos’ (homens, mulheres, crianças, jovens) e os grupos profissionais podem ser consideradas como ‘diafásicas’.” (COSERIU, 1980, p. 110-111). Cabe ressaltar, que, diferentemente deste autor, Camacho (1988) inclui na variação diastrática as resultante dos fatores idade e sexo.

Depois desse breve sobrevôo teórico sobre a variação lingüística, apresenta-se o *corpus* empírico desta pesquisa, a canção composta por Mário de Andrade, “Viola quebrada”.

#### Viola quebrada

1. Quando da brisa no açoite a frô da noite se acurvou
2. Fui s'incontrá co'a maroca, meu amor
3. Eu tive n'arma um choque duro
4. Quando ao muro já no escuro
5. Meu oiá andou buscando a cara dela e não achou
  
6. Minha viola gemeu
7. Meu coração estremeceu
8. Minha viola quebrou
9. Teu coração me deixou
  
10. Minha maroca resorveu para gosto seu me abandonar
11. Pruquê os fadista nunca sabe trabaiá
12. Isso é besteira que das frô que bria e chera a noite inteira
13. Vem dispois as fruita que dá gosto de saborear

14. Pru causa dela eu sou rapaz muito capaz de trabaiá
15. Os dia inteiro e as noite inteira capinar
16. Eu sei carpir praquê minh'arma ta arada e loteada
17. Capinada co'as foiçada dessa luz do teu oiá

Autor Mário de Andrade  
Voz: Grupo Viola Quebrada

### **3. Análise do corpus**

Nesta seção, será analisada a letra da música Viola quebrada, composta por Mario de Andrade, que retrata a linguagem de um homem do campo, de um “fadista”, um caipira que canta e toca sua viola. Esse tipo de canção é tributária das cantigas portuguesas dos séculos XII e XIII. Foram incorporadas à nossa cultura pelos tropeiros brasileiros a partir dos séculos XVIII e XIX. Era a música tocada e cantada por esses profissionais durante as suas árduas jornadas tocando tropas do sul do país até o interior de São Paulo. No texto o poeta retrata a perda de um amor, porque “ os fadista nunca sabe trabaiá”. Nota-se aí uma visão negativa a respeito daquele que se ocupa da arte de cantar. Trata-se de um senso comum registrado pelo autor. Ressalta-se que tal idéia é, em seguida, contestada pelas afirmações presentes nas linhas 12 e 13: “Isso é besteira que das frô que bria e chera a noite inteira/ Vem dispois as fruta que dá gosto de saborear.” Verifica-se, neste trecho, uma comparação entre as flores que brilham e exalam odor durante a noite com o arte de cantar; a partir desta comparação, deduz-se que o artista também é capaz de “dar bons frutos”. Desta forma, o poeta já apresenta idéias positivas à arte de cantar.

Cabe ressaltar a poesia presente na canção, já iniciada por uma metáfora indicando o entardecer: “Quando da brisa no açoite a frô da noite se acurvou” (linha 1). Verifica-se aí o tom poético do autor ao retratar o anoitecer em que a Lua, caracterizada como a “frô da noite”, se acurvou. Além disso, verifica-se também uma prosopopéia: “Minha viola gemeu”. (linha 6), em que o poeta personifica a viola, apresentando-a com um ser emotivo, fato bastante convincente, pois pertence a um “fadista”.



No decorrer da história apresentada na canção, ocorre uma transformação do fadista, que passa a trabalhar. Isto se verifica nos últimos versos: “Eu sei carpir praquê minh’arma ta arada e loteada/ Capinada co’as foiçada dessa luz do teu oiá” (linhas 16 e 17). Neste trecho identifica-se uma mistura de figuras relacionadas ao campo (arada, loteada, capinada, foiçada) e ao amor: minh’alma, luz do teu oiá (linha 17). Desta forma, fundem-se temas relacionados ao amor e ao trabalho no campo, havendo uma ambigüidade proposital, por parte do autor, em relação à transformação ocorrida com o camponês apresentado no texto.

Na canção, a partir de processos lingüísticos peculiares ao falar rural, o autor reporta a variação diastrática unida à diatópica, pois diz respeito à linguagem de pessoas não escolarizadas e residentes na zona rural. Isto dá nos níveis fonéticos, lexicais e sintáticos. Apresentam-se, a seguir, os processos identificados:

### **Processos fonéticos**

#### **a) rotacismo: alteração de l para r em encontro consonantais: frô (linhas 1 e 12)**

Nesses vocábulos identifica-se, a troca do l pelo r. Segundo Amaral (1920), no dialeto caipira, o l, quando subordinado a um grupo de consoantes, muda-se em r. O autor ainda comenta: “Esta troca é um dos vícios de pronúncia mais radicado no falar dos paulistas, sendo mesmo freqüente entre muitos dos que se acham, por educação ou posição social, menos em contato com o povo rude” (AMARAL, 1920, p. 52).

Nascentes (1953) aborda esta questão, afirmando que tal caso deve ser visto à luz da fonologia. Segundo o autor:

A oposição entre laterais e vibrantes no Novo Mundo tende a enfraquecer-se ou a desaparecer. Os casos de r por l (assim como os de l por r), por abundantes que sejam, não constituem um cambio fonético, um processo articulatório que afete a constituição do sistema fonético, mas sim casos de trocas entre dois fonemas que existem e

continuam existindo no sistema fonético funcionante.  
(NASCENTES, 1953, p. 54-55)

**b) rotacismo: alteração de l para r em trava silábica: *n'arma* (linha 3), *resorveu* (linha 10), *minh'arma* (linha 12)**

Amaral (1920, p. 52) afirma ser natural tal transformação no dialeto caipira quando o l está no final de sílaba, como por exemplo: tal/ tar.

Cabe ressaltar que no português falado hoje em grande parte da região brasileira, o uso do l é mera convenção gráfica, pois nesse contexto, ocorreu a semivocalização da consoante l em w.

Boléo comenta a ocorrência deste processo também em Portugal:

No que diz respeito às consoantes r e l, devo recordar que a substituição da segunda pela primeira (marvado, minh'arma) não se encontra só no português popular do Brasil. Depara-se igualmente no português popular de algumas regiões portuguesas. (BOLÉO, 1951, p. 25)

**c) prótese: *se acurvou* (linha 1)**

Segundo Amaral (1920, p. 54), a prótese é comum no falar rural. Coutinho (1958, p. 157) aponta casos de prótese na evolução do latim para o português, como por exemplo: stare/ estar, scribere/ escrever.

**d) Iotização: *oiá* (linhas 5 e 17), *trabaiá* (linhas 11 e 14), *bria* (linha 12)**

Nessas variantes ocorre a iotização, fenômeno comum no dialeto caipira. Conforme afirma Amaral (1920, p. 53), o lh vocaliza-se em i no dialeto caipira.

Caruso (1983) apresenta um estudo acerca da iotização do lh cujo *corpus* é colhido do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB). Com base nos resultados de sua pesquisa em que se identificou uma grande ocorrência da palatal, afirma que talvez tal processo esteja caminhando para a reconstrução da palatal.

Aguilera (1999) trata desse processo, apresentando o parecer de pesquisadores, como Nascentes (1953), Penha (1972), Câmara Júnior (1979 e 1981), Elia (1979), Jota (1981) e Melo (1981) e constata não haver consenso quanto à nomeação do processo, pois, enquanto alguns autores o consideram uma despalatalização, outros o conceituam como uma iotização. Para Aguilera, o que ocorre é uma iotização ou uma semivocalização (e não uma vocalização, pois o yode é uma semivogal), descartando a possibilidade de uma despalatalização, pois o yode é palatal também. No decorrer de seu estudo, a autora afirma que esse processo é “um traço predominante na fala rural ou inculta que se expande por todas as regiões brasileiras como se pode documentar pelos Atlas já publicados” (AGUILERA, 1999, p. 158).

Nascentes (1953, p.49) comenta as razões de ordem etnográfica que resultaram na dificuldade da pronúncia do lh pela classe inculta: “A dita classe era composta em sua maioria de índios e africanos que não possuíam este fonema em suas línguas; tiveram de aprendê-lo, aprenderam estropiadamente e deste modo o transmitiram aos seus descendentes.”

Mendonça (1935, p. 112) afirma ocorrer esse processo devido a uma influência africana. Já para Melo (1981), essa transformação pode ser uma influência românica ou africana. Apesar de apontar as duas hipóteses, o autor dá preferência à segunda:

Sem embargo, porém de ser evolução românica a lh/y, sou inclinado a explicá-la, aqui no Brasil, por influência africana, uma vez que o fato ocorre de regra nas zonas mais africanizadas, sendo quase geral num ponto intensamente trabalhado dos negros, São João da Chapada, em Minas, segundo nos informa Aires da Mata Machado (MELO, 1981, p. 81)

A despeito da hipótese da origem africana, vale lembrar as considerações de Boléo sobre casos do português europeu nos quais ocorria o processo de iotização. Segundo o autor, no distrito de Ponta Delgado, designadamente na povoação de Arrifes, ainda se usava esta pronúncia: “orvaio, carríe (carrilho, nome do carolo = interior da maçaroca, depois de tirados os grãos), ovêias, coêio,

cestias (cestilhas, instrumentos para caçar pássaros), abêia, borraio, joeieira, ajoear (ajoelhar)". (BOLÉO, 1943, p. 47).

**d) metátese: *pruquê* (linhas 11 e 16), *pru causa* (linha 14)**

Verifica-se que, nesse caso, ocorre uma metátese, pois o r altera seu lugar na sílaba, ao invés de seguir a vogal, ele a antecede. Nascentes (1953), ao estudar a linguagem carioca, aponta a metátese como um processo comum na fala da classe inculta.

Mendonça (1935, p 116) atribui origem africana a este processo.

Por outro lado, Williams (1975, p. 119) trata tal processo como uma das evoluções da língua latina para o português e cita como exemplos as formas geolho/joelho, sibilare/silvar, fenestram/ feestra/fresta, entre outras.

**e) monotongação: *chera* (linha 12)**

Segundo Amaral, a redução de ei para e se dá pelo contato com a consoante seguinte ao ditongo. Conforme aponta o autor, o ditongo ei “reduz-se a e quando seguido de r, x ou j” (AMARAL, 1920, p. 50). É exatamente o que ocorre no *corpus*, pois o e é seguido de r.

**f) epêntese: *dispois* (linha 13), *fruta* (linha 13).**

Segundo Coutinho (1958, p.146), “a epêntese é o acréscimo de fonema no interior da palavra”. É, pois, o que ocorre nos vocábulos apresentados, pois ocorre o acréscimo do s na primeira sílaba do primeiro vocábulo e o acréscimo do i também na primeira sílaba do segundo vocábulo.

**Processos lexicais**

Identificou-se um termo interessante no *corpus*; trata-se do vocábulo *maroca* (linhas 2 e 10). Vale ressaltar que tal termo não está presente nos dicionários de Ferreira (1986) nem de Houaiss (2001).

### **Processos sintáticos**

Identificou-se uma colocação pronominal diferenciada no seguinte trecho do *corpus*: *fui s'incontrá* (linha 2). Neste caso, verifica-se que ao invés do pronome me, ocorre o se em forma aglutinada.

A partir dos processos identificados, constata-se o trabalho de linguagem efetuado pelo poeta para caracterizar o falar rural.

### **4. Considerações finais**

Na canção “Viola quebrada”, Mário de Andrade resgata musicalmente a cidadania do falar caipira brasileiro, valorizando a identidade lingüística que o constitui. Ou seja, tenta quebrar com sua moda de viola, já no início do século passado, o estereótipo – infelizmente ainda em voga no país - de que essa linguagem seria algo feio, errado, produzida por gente descuidada, uma deturpação da língua rica, boa, encerrada nas gramáticas e nos dicionários.

Musicalmente Andrade evidencia que o falar caipira se constitui numa das mais belas formas de os brasileiros se manifestarem. Em suma, Mario de Andrade, um lingüista *avant la lettre*, mostra por meio do falar caipira, que a língua portuguesa no Brasil possui seu colorido especial de variadas nuances devido a diversos fatores que contribuíram e contribuem para sua diversificada manifestação.

### **Referências Bibliográficas:**

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Um estudo geolingüístico da iotização no português brasileiro. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.) *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: 1999. p.155-180.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1920.

- BOLÉO, Manuel de Paiva. *Brasileirismos: problemas de método*. Coimbra: Coimbra, 1943.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, Roberto G. A variação lingüística. In: *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus*. São Paulo, SE/CENP. 1988, 3.v.
- COSERIU, Eugenio. *Lições de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980
- CARUSO, Pedro. A iotização do /-lh-/ segundo o Atlas Prévio dos Falares Baianos. *ALFA*, São Paulo, v. 27, 1983, p. 47-52.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. O Português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- DELGADO, Manuel Joaquim. *A linguagem popular do Baixo Alentejo*. s. l: s. e., 1951.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos. *Lingüística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 37-63.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. R de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HAUGEN, E. Dialect, Language, Nation. In: PRIDE, J.; HOLMES, J. *Sociolinguistics*. Selected Readings. Great Britains: Penguin Books, 1972.
- HEAD, Brian F. O destino de palavras proparoxítonas na linguagem popular. *Anais do Encontro de Variação Lingüística e Bilingüismo Na Região Sul*, 4, Porto Alegre: UFRGS, 1986, p. 38-56.
- HEAD, Brian F. O “dialecto brasileiro” segundo Leite de Vasconcellos. In: *Variação lingüística no espaço, no tempo e na sociedade*. *Actas do Encontro Regional da Associação Portuguesa de Lingüística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Lingüística/Ed. Colibri, 1994.
- HJEMSLEV, L. Língua e fala. In: HJEMSLEV, L. *Ensaaios lingüísticos*. São Paulo: Perspectivas, 1943. (Série Debates)
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MATTOS e SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MATTOS e SILVA, R. V. De fontes sócio-históricas para a história social lingüística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS e SILVA, R.V. *Para a história do português brasileiro*. V. II: Primeiros estudos. Tomo II. São Paulo: Humanitas/FFLCH/ USP/FAPESP, 2001.
- MATTOS e SILVA, R. V. Português brasileiro: raízes e trajetórias. *Revista Ciência Hoje*, v. 15, n. 86, 1992. p.76-81
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 4.ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.
- MENDONÇA, Renato. *A origem africana no português do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1935.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- VITRAL, Lorenzo. Língua geral versus língua portuguesa: a influência do “processo civilizatório”. In: MATTOS e SILVA, R. V. *Para a história do português brasileiro*. v.II: Primeiros estudos. Tomo II. São Paulo: Humanitas/FFLCH/ USP/FAPESP, 2001. p. 303-315.
- WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.